



SIMONE DE BEAUVOIR



A filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir é uma das mais importantes pensadoras feministas da história. A sua primeira constatação foi que ao longo da história do pensamento e das sociedades, o masculino sempre foi utilizado como o padrão de medida do que era humano. Neste sentido, o feminino constituiu-se enquanto um Outro oposto a um Eu filosófico masculino.

Naturalmente, isto decorria do fato que a maioria daqueles que escreveram sobre a natureza humana eram homens. Logo, eles adotaram a masculinidade como um padrão, enquanto a feminilidade foi

definida em oposição ao mesmo. Dentro desse esquema, as mulheres são julgadas como iguais somente na medida em que agem como os homens.





A FEMINILIDADE É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Dando continuidade às suas reflexões, Simone de Beauvoir notou então que o conceito de feminilidade é uma construção social. Em outras palavras, os papéis que se esperam das mulheres dentro de uma determinada sociedade são criados pela cultura. Eles não são um fato biológico. É por esse motivo que a filósofa cunhou a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se”.

No fundo ninguém nasce nada, as pessoas vão construindo e desenvolvendo seus comportamentos e pensamentos de acordo com a cultura onde estão inseridos. Essa forma de encarar os papéis de gênero é um exemplo do existencialismo conforme apregoado por Jean-Paul Sartre, que era seu companheiro e colaborador na produção filosófica.



A constatação de que masculinidade e feminilidade são construções sociais, abriu espaço para a aceitação de novas formas de ser mulher. Por exemplo, no modelo tradicional de mulher da sociedade ocidental, são atribuídas várias coisas ao gênero feminino (entendido nesse caso como sexo feminino), como a emocionalidade, a fragilidade, a fraqueza e até mesmo a cor rosa.

As mulheres então devem fazer a seguinte escolha: aceitar o papel que a sociedade já destinou para elas ou fazer uso da liberdade para ser qualquer coisa que elas quiserem ser. E aqui mais uma vez nota-se o existencialismo de Simone de Beauvoir. A isto ela chamou de existência verdadeiramente autêntica, que é uma escolha que traz riscos, assim como qualquer outro ato revolucionário que busca a igualdade e a liberdade.



Aprisionadas em uma série de ideais impossíveis de serem cumpridos, como o da esposa que suporta as traições do marido, a mãe abnegada que se sacrifica pela família e coisas do gênero, a sociedade patriarcal e machista recusa às mulheres o seu verdadeiro “eu”. O problema é que a mulher já nasce aprisionada dentro de uma sociedade patriarcal. Neste modelo social ela é sempre considerada propriedade de um homem. Inicialmente do pai e depois do marido. Em alguns casos, até dos irmãos mais velhos ou algum tio.

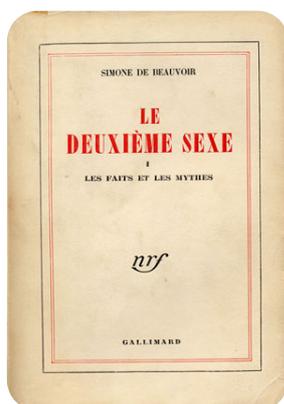


Evidentemente, uma das consequências mais nefastas de colocar a mulher sempre na dependência de um homem, é que aquele que detém o poder em uma sociedade dificilmente vai se mover para contestar ou dividir o mesmo. Assim, simplesmente dizer que homens e mulheres são iguais não é suficiente, pois a estrutura da sociedade é machista e já desfavorece as mulheres desde o berço.

DESIGUALDADE DE GÊNERO

Como foi dito, dentro de uma sociedade que valoriza o gênero masculino em detrimento do feminino, são tecidas relações sociais, políticas e econômicas que subjugam as mulheres a um papel submisso aos homens. Em outras palavras,

nascer homem por si só traz uma série de vantagens e privilégios. Por outro lado, dentro dessa estrutura machista a condição feminina ocupa o lugar da inferioridade.



O SEGUNDO SEXO

As ideias de Simone de Beauvoir a respeito do feminino estão contidas na sua obra O Segundo Sexo, que funda um existencialismo feminista. Daí a afirmação de que ninguém nasce mulher, derivada do conceito de que a existência precede a essência. Um outro argumento importante presente na obra é a ideia de que os estereótipos que os homens construíram sobre as mulheres são uma forma de subjugá-las e assim construir uma sociedade patriarcal.

Não obstante, Simone de Beauvoir acreditava que os homens poderiam colaborar com as mulheres de igual para igual. Neste sentido, o seu relacionamento com Jean-Paul Sartre representou a própria personificação das suas ideias. Eles nunca se casaram oficialmente e tinham abertamente outros relacionamentos, inclusive com pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, a filósofa nunca quis ter filhos, para assim poder se dedicar integralmente à sua produção intelectual.

Entretanto, tanto ela quanto Sartre possuíam posicionamentos bem polêmicos, e o seu posicionamento a favor da despenalização das relações sexuais entre adultos e menores de 15 anos na França, juntamente com o filósofo Michel Foucault e dezenas de outros intelectuais franceses, baseava-se no fato de que a lei na França considerava os jovens a partir dos 13 anos como responsáveis por seus atos.

- ✉ contato@biologiatotal.com.br
- 📺 [/biologiajubilit](#)
- 📷 [Biologia Total com Prof. Jubilit](#)
- 📘 [@biologiatotaloficial](#)
- 🐦 [@Prof_jubilit](#)
- 📌 [biologiajubilit](#)

